



2

Os Povos-Testemunho

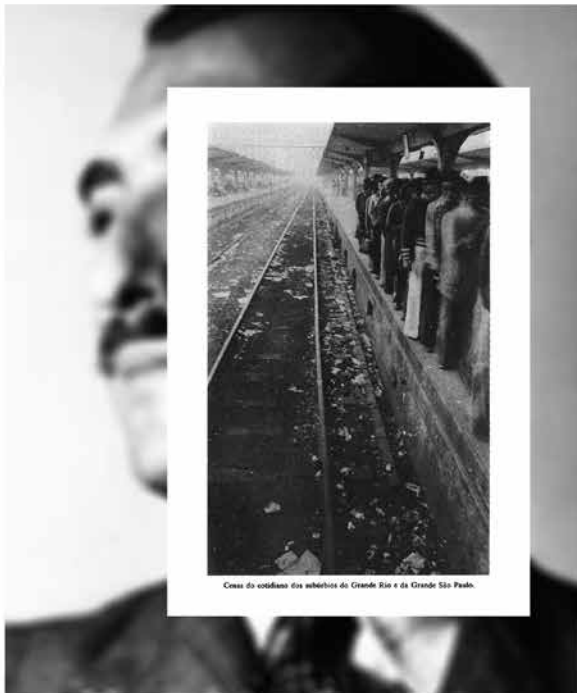
Os Povos-Testemunho são os representantes contemporâneos de duas civilizações rivais, antigas e transmitidas pela expansão europeia. Apresentam dois perfis distintos referentes aos graus de diculgarização que experimentaram. O primeiro deles é representado pelos povos americanos que cresceram sobre as ruínas das civilizações Aztecas, Mayas e Incas, os quais, tendo atingido um estágio no processo de aculturação, se vêem obrigados a percorrer seus caminhos. O segundo, por parte como os hindus, chineses, japoneses, budistas, indianos, coreanos e outros que, não obstante a europeização que sofreram, puderam obter seus perfis étnicos originais e hoje tornam integral-se na civilização.

67



O DESPERTAR
DA REVOLUÇÃO BRASILEIRA

aos que não chegaram
ao fim da estrada



Dados este livro aos que,
como Zélio e João Barros,
não tiveram para sentir
um livro amaldiçoar

LEILA DANZINGER
Cadernos do povo brasileiro: série realizada a partir de livros censurados na ditadura civil-militar brasileira
Impressão jato de tinta sobre papel de algodão montada em PVC

O FYBORG E A ÉTICA DA INFORMAÇÃO OU OS LIMITES DE UMA ÉTICA ANTROPOCÊNTRICA

ARMANDO MALHEIRO DA SILVA*
ELIANE PAWLOWSKI OLIVEIRA ARAÚJO**
CLAUDIO PAIXÃO ANASTÁCIO DE PAULA***

Hoje já não somos apenas nós em nós mesmos: temos a memória estendida nos drives, pendrives e nuvens. O telefone celular se tornou uma extensão de nossos membros, transformando o ser humano numa espécie de Fyborg, neologismo criado por Alexander Chislenko¹ para conceituar um tipo de “Cyborg funcional”, ou seja, indivíduos que têm na tecnologia uma extensão de si, ampliando o escopo dos órgãos sensoriais e a interação informacional, condições que influenciam cada vez mais suas ações.

* Universidade do Porto, Portugal

** Universidade Federal de Minas Gerais

*** Universidade Federal de Minas Gerais

¹ Alexander “Sasha” Chislenko, nascido em 2 de dezembro de 1959 e falecido em 8 de maio de 2000, foi ativista dos movimentos transumanista (comunidade que prega a transição evolucionária do humano para uma condição pós-humana a partir do aumento artificial de suas capacidades) e extropiano (comunidade que compartilha da perspectiva de que deve haver um investimento sistemático no melhoramento da condição humana e que propõe uma evolução nos valores e padrões coletivos que possam dar suporte a ele). O autor escreveu diversos ensaios especulativos sobre essa temática. Fonte: http://transhumanism.wikia.com/wiki/Alexander_Chislenko. Acesso em: 24 de novembro de 2018.

Essa constatação, que reflete um dos grandes desafios do milênio – distinguir o humano do pós-humano –, perpassa algumas reflexões que envolvem a inteligência artificial, o desenvolvimento de tecnologia capaz de ampliar as capacidades humanas, bem como os aspectos éticos que permeiam essa evolução. No campo da filosofia, pode-se considerar que essa ânsia de criação de termos diferentes para conceitos muito próximos talvez seja sintoma de uma necessidade de tentar adivinhar o futuro, mas um futuro que, no fundo, não sabemos se realmente estamos conseguindo adivinhar ou se estamos conseguindo encaminhá-lo como desejado. E aí entram questões que perpassam dúvidas como: *até onde vamos, com a nossa vontade, conseguir evitar males que são prováveis prever?* Porque há muitos perigos de fato e a incerteza relaciona-se à possibilidade de que, provavelmente, não vai dar tudo certo (condição natural quando se fala de ciência) ou de que poderemos dar passos que nos levarão para onde não queríamos ou imaginávamos.

² Yuval Harari é professor israelense de História e autor dos best-sellers *Sapiens: Uma breve história da humanidade*, *Homo Deus: Uma breve história do amanhã* e *21 lições para o Século 21*.

³ Elon Musk é um empreendedor e visionário sul-africano, fundador e CEO de grandes empresas das áreas de sistemas aeroespaciais, armazenamento de energia, neurotecnologia, preocupado com os riscos do desenvolvimento da inteligência artificial.

Essa incerteza provoca um medo, não apenas o citado por autores ou visionários, como Yuval Harari² e Elon Musk³, mas também por pessoas comuns, talvez em função das experiências passadas. Aqui o passado tem muita importância, pois, no fundo, temos bem presente na memória a ocorrência das duas grandes guerras no último século, que foram fruto do desenvolvimento glorioso daquilo que se chamava a ideia de progresso e ciência. Esse desenvolvimento que, ao longo de quase um século, transformou a vida das pessoas, das cidades e do cotidiano foi se apropriando de outras ideias mais antigas, como a ideia da eugenia, por exemplo, criada por Francis Galton – em seu livro *Hereditary Genius (Gênio Hereditário)* – que, ao constatar que a grandeza individual acontecia com uma frequência acentuada demais no seio de certas famílias para ser explicada apenas por fatores ambientais, propôs a hipótese de que se homens e mulheres de talento considerável fossem selecionados artificialmente e incentivados a se acasarem por gerações sucessivas, as qualidades hereditárias da raça humana seriam aprimoradas (SCHULTZ; SCHULTZ, 2002).

Essa apropriação indébita levou à criação de ideias absurdas como a da existência de uma raça superior com poderes de vida e morte sobre as raças inferiores. A noção de eugenia positiva de Galton (devemos incentivar a reprodução de seres humanos muito inteligentes e, assim, melhorar a raça humana) se converteu na eugenia negativa apregoada pelos nazistas (devemos melhorar a sociedade eliminando aqueles indivíduos considerados inferiores) a partir de um tortuoso caminho de fusão com outras ideias clássicas sobre a “virtude” ou as “altas qualidades de alguns indivíduos”. Por exemplo, o desvirtuamento de ideias sobre a nobreza de alguns indivíduos – noções presentes na cultura ocidental desde a sociedade micênica, como a ideia de família aristocrática (*genos* – raiz da palavra genética), que determinava a participação de um indivíduo na sociedade, e de *arete*, o valor individual de um homem que diferenciava os indivíduos numa sociedade de semelhantes – em noções como uma suposta divisão entre os membros de uma sociedade entre duas castas, uma “superior” e outra “inferior”, demarcadas por conceitos como “pureza racial” e “raça ariana”. As consequências desse processo estão presentes nos livros de história, mas, infelizmente, não tão vivas na memória coletiva das nossas sociedades. Entretanto, essa lembrança dolorida e penosa (para alguns de nós) de fatos que marcaram a primeira metade do século XX (e que, de forma assustadora, é celebrada por políticos e populares por todos os países ocidentais) volta agora, não por causa de uma nova guerra, mas novamente por causa do progresso científico-tecnológico de que a humanidade é capaz de promover e que a expõe, conseqüentemente, a novos riscos.

Para começar a compreender a questão incitada pela figura do Fyborg é necessário destacar uma perspectiva temporal, pois a análise desse fenômeno é influenciada pelo fato de nós, protagonistas do momento atual, talvez não percebermos muito bem o que ocorre por estarmos inseridos na mesma tessitura (investigadores e partícipes do processo analisado). Ajunte-se aí o fato de que muito do que estamos a dizer, a tentar fazer e a refletir é efêmero porque está condicionado a um processo que não acabou: estamos no meio da mudança, ou, melhor dizendo, no olho do furacão. Nessa perspectiva, consideramos que a atual conjuntura se assemelha a uma mudança de ciclo como a que ocorreu no século XVIII, tido como o século das revoluções por ter sido um período de transição estrutural profundo que compreendeu não só a Revolução Francesa, mas também a Industrial. Estamos vivendo tempos em que conceitos tradicionais do

período industrial estão sendo influenciados pela evolução das tecnologias de comunicação e informação. Um exemplo desse movimento pode ser lido em Almeida (2001, p. 113), que afirma que o século XX terminou numa fase de combinação crescente

dos sistemas produtivos e administrativos com as novas características da sociedade da informação, na qual os elementos brutos da produção – terra, capital, trabalho – são necessariamente permeados e dominados pela nova economia da inteligência. Os componentes de matéria-prima e o valor extrínseco de um bem durável passaram a valer bem menos, no final do século XX, do que o valor intrínseco e a inteligência humana embutidas nesses produtos [...].

Uma análise simbólica desses períodos nos remete às figuras míticas de Prometeu e Hermes. Prometeu, considerado um dos mitos diretores que dominou no século XVIII, representa o ideal de emancipação do homem, destacando-se por personificar o tripé razão-ciência-técnica. Na perspectiva de Dougherty (2006), o fogo dado aos mortais por Prometeu representa o espírito de tecnologia e o intelecto consciente, tidos como formas para superar as limitações humanas. Esses “dons” podem ser vislumbrados na razão científica e na técnica industrial que começavam a despontar naquele século e que se consolidaram como sinônimo de civilização. O mito de Prometeu, segundo Gilbert Durand (1998, p. 101), define uma ideologia racionalista, progressista e científica: “Trata-se, essencialmente, da fé no homem contra a fé em Deus que está subjacente a este mito prometeico, encontrando-se o homem do lado dos Titãs, e Zeus – ou os Olímpicos, ou o Deus Pai – do outro lado da barreira”⁴. Como destacam Araújo e Freitas (2008, p. 74):

Ao trazer filantropicamente o fogo aos homens, Prometeu não só lhes estava a oferecer, de modo altruísta e solidário, a sua emancipação face aos deuses (a desobediência tecnocrática do Titã), como também as técnicas necessárias para que eles se tornassem seres “inteligentes e senhores da razão” como, aliás, se lê no Prometeu Agrilhoado de Ésquilo. O fogo simboliza simultaneamente o princípio consciente do ser humano e a descoberta progressiva das artes técnicas necessárias à instauração de uma nova Bensalém com uma felicidade edênica.

Por outro lado, o cenário contemporâneo decorrente do desenvolvimento das tecnologias de informação e comunicação – marca do final do século XX e início do século XXI – nos remete a outro mito diretor: Hermes, o deus da comunicação dos antigos gregos e mensageiro de Zeus. Graças às sandálias aladas que o dotavam de agilidade

e que lhe davam o poder de se deslocar no mundo das trevas, Hermes trazia parte dos conhecimentos que jaziam ocultos na escuridão para a “claridade”, representando, dessa forma, o poder de transformação: transformação da natureza em cultura, da linguagem divina em humana, sendo o mais mágico de todos os seus atos a transformação de um mundo físico “bruto” em um reino humano de sentido e de valores por meio da linguagem⁵. Cabe destacar, contudo, que esse Hermes não é o Hermes clássico, humanista e dialógico, mas sim um Hermes transfigurado, influenciado pela comunicação virtual, com as pessoas cada vez mais obcecadas por suas parafernálias tecnológicas da comunicação⁶.

⁵ Riker (1991).

⁶ Citação verbal de Alberto Filipe Araújo apud Araújo (2017, p. 24).

Recorde-se, contudo, que a sedução da ideia de que uma sociedade inteira (ou de que alguns de seus eleitos) possa ser mergulhada em uma “bacia prometeica” que a “eleve” de um “status periférico” ou “inferior” para um “nível superior” tem conduzido a gigantescos enganos. Isso pode ser observado, por exemplo, no que diz respeito a uma exacerbação do valor atribuído a uma “alta ciência” em detrimento do conhecimento e da análise das culturas e das sociedades não “europeias” por seus próprios integrantes (e executadas com bases em parâmetros que lhes sejam particulares) e suas consequentes implicações no que concerne às relações de poder e às vinculações epistêmicas a esse mesmo poder – como foi evidenciado em diversas oportunidades pelos autores dos estudos pós-coloniais (NOGUEIRA, 2017).

Cabe lembrar ainda que o mesmo Hermes, como *psicopompo* (guia das almas), também era responsável por levar as almas dos mortos para seu reino de destino, o reino de Hades. Em outras palavras, o mesmo princípio que tem o potencial metafórico de nos conduzir à luz pode nos guiar de volta para as trevas e ao aprisionamento num mundo “bruto” e absolutamente distante das expectativas humanistas, dialógicas e transformadoras dos apóstolos de uma “nova era” baseada no conhecimento e nas tecnologias da informação.

Por fim, se o que apavorava as jovencinhas e produzia comichões nas mentes pensantes da segunda década do século XIX era o homem artificial – criado a partir de partes de cadáveres e animado pela eletricidade pelo “Prometeu moderno” de Mary Shelley, o doutor Victor Frankenstein – monstruoso e filosófico (e por vezes mais humano que seu próprio criador), incompreendido e levado à ignominia e ao assassinio pela repulsa e pela incompreensão da sociedade e de seu criador, hoje o que seduz

e encanta tanto populares quanto acadêmicos de todas as gerações é a extensão das capacidades mentais e sensoriais do próprio homem pelas graças da tecnologia e da conectividade. Passamos de uma metáfora sobre a arrogância da Revolução Industrial à concretude e à languidez da entrega acrítica à descendência da técnica industrial dos séculos XIX e XX plasmada nas tecnologias digitais e na virtualidade do século XXI. Nesse meio tempo, as máquinas produzidas em série tomaram a nossa vida, tornando-se partes essenciais do cotidiano da maioria dos cidadãos. O automóvel, talvez, seja a maior expressão dessa colonização da vida humana pela máquina, fazendo as pessoas dependentes deles para os menores e mais simples deslocamentos.

7 O termo Cyborg foi uma figura popularizada pela série norte-americana *The Six Million Dollar Man* – baseada numa série de livros de Martin Caidin (1984) – e a seu *spin-off* *The Bionic Woman*, que contavam a história de um homem e uma mulher acidentados que recebiam implantes de membros e órgãos sensoriais artificiais e que passavam a atuar como agentes secretos dotados de força, velocidade, visão e audição extraordinárias.

Assim, o que Chislenko está a dizer é que, neste século XXI, a ficção se tornou real. O Fyborg acaba sendo a ficção dos anos 1970⁷ transformada em realidade. Mas uma realidade aumentada, que deixa o campo da força física (as fictícias superforça e supervelocidade de um homem de seis milhões de dólares ou de uma mulher biônica) para se estender às capacidades sensoriais e mentais (visão, fala, audição, memória).

Seria, então, o Fyborg, o humano novo, um transumano ou um pós-humano? Esse é um dos temas em que se consegue mais perguntas a colocar do que respostas a dar exatamente pela situação de estarmos vivendo em um ciclo em transição. E a tendência para antever o surgimento de uma nova condição humana que sintetize o biológico com o tecnológico é sedutora e ganha adeptos. Assim, pode a Ética, em geral, ou a Ética da Informação, em particular, enfrentar esse “Fyborg” e reduzi-lo à sua real proporção presente e futura? E que capacidade tem a Ciência da Informação para discutir esse tópico sedutor, mas possivelmente falacioso e fantasista?

Do humano ao pós-humano: a emergência do Fyborg

Começamos essa reflexão pelo termo Cyborg. Em sua origem, o termo foi cunhado por Manfred Clynes e Nathan Kline em um artigo de 1960 intitulado “*Cyborgs and space*”, publicado no periódico *Astronautics*. O conceito envolvia a ideia de adaptar o corpo humano a qualquer ambiente no qual ele escolhesse estar por meio de sistemas de controle instrumental, sem depender do controle consciente (embora receptivos a

tal influência). A ideia de autorregulação deveria funcionar sem o benefício da consciência a fim de cooperar com o controle homeostático autônomo do próprio corpo:

Se o homem no espaço, além de voar em seu veículo, deve estar continuamente verificando as coisas e fazendo ajustes apenas a fim de manter-se vivo, ele se torna um escravo da máquina. O objetivo do Cyborg, bem como o seu próprio sistema homeostático, é fornecer um sistema organizacional em que tais problemas, semelhantes aos robôs, sejam atendidos automaticamente e inconscientemente deixando o homem livre para explorar, criar, pensar e sentir. (CLYNES; KLINES, 1960, p. 27, tradução nossa)

De um termo que pretendia descrever um ser híbrido, adaptável às condições inóspitas e à inserção de dispositivos necessários para criar sistemas homem-máquina autorreguláveis, o conceito de Cyborg foi esvaziado do significado original e tornou-se o rótulo de um mito, que passou a representar tanto a esperança quanto o medo de uma era. Popularizado como um organismo vivo possuidor de implantes artificiais ativos, o Cyborg representou a simbiose e a potencialização por meio da quebra das fronteiras entre o humano e a máquina.

Entretanto, o propósito que permeou a ideia dos autores, conforme afirmado pelo próprio Clynes em entrevista cinquenta anos após a publicação do artigo de 1960⁸, é de que o objetivo do Cyborg, essa interface entre o organismo e a tecnologia, era ser apenas um meio, uma maneira de ampliar a experiência humana, e não um fim em si mesmo. Essa noção preconizada por Clynes nos aproxima do conceito de Fyborg cunhado por Alexander Chislenko. Membro ativo de comunidades transumanas, Chislenko considerava que, à medida que o mundo fica mais sofisticado, ocorre uma suplementação tecnológica do corpo biológico – que passa pela mesma lógica de ampliação visto no conceito do Cyborg – sem, contudo, violar a integridade estrutural ou introduzir implantes e atalhos. Não é um fim em si mesmo, mas um meio para ampliar as capacidades humanas.

Chislenko diferencia os ciborgues da ficção científica das formas cotidianas dos humanos se estenderem usando tecnologias. O autor afirma que, enquanto as pessoas têm brincado com as imagens do Cyborg, elas têm negligenciado o processo contínuo de ciborguização funcional do qual já estão participando:

Se o seu cérebro não tiver memória suficiente para realizar algumas operações, ele poderá usar memória externa (por exemplo, um bloco de rascunho) para armazenar dados

⁸ Entrevista disponível em <https://www.theatlantic.com/technology/archive/2010/09/the-man-who-first-said-cyborg-50-years-later/63821/>.

intermediários e, em seguida, ler os resultados novamente no “wetware” do cérebro. Esse truque permite que os novos elementos desempenhem o papel de implantes funcionais, representando ao mesmo tempo uma parte estrutural interna de sua inteligência estendida e uma parte externa do corpo.

[Assim esse] cyborg funcional (devemos chamá-lo de fyborg? Funorg? Fuborg?) pode ser definido como um organismo biológico funcionalmente complementado com extensões tecnológicas.⁹

Nessa complementação, o corpo funcional humano estaria sendo envolvido e ampliado à medida que os novos sistemas executam tarefas de aquisição, armazenamento, transmissão e processamento de informações. Esse aprimoramento humano é denominado de transumanismo, um movimento intelectual que se apoia no uso da ciência e da tecnologia para melhorar as capacidades e características humanas¹⁰.

Chama a atenção o fato de que esse desejo (de adquirir novas capacidades) é tão antigo quanto a própria espécie humana, que tem, desde os primórdios, procurado expandir os limites de sua existência, como fizeram os exploradores que buscaram a fonte da juventude, os alquimistas que trabalharam para inventar o elixir da vida e as escolas de taoísmo esotérico na China que lutaram pela imortalidade¹¹. Passando a análise para a época do Renascimento, Nick Bostrom destaca que o humanismo renascentista encorajou as pessoas a confiarem em suas próprias observações em vez de colocarem as questões para as autoridades religiosas. Um marco desse período, segundo o autor, “é a Oratória de Giovanni Pico della Mirandola sobre o Dignity of Man, de 1486, que proclama que o homem não tem uma forma pronta e é responsável por se moldar”:

Nós fizemos de você uma criatura, nem do céu nem da terra, nem mortal nem imortal, a fim de que você possa, como livre e orgulhoso criador de seu próprio ser, moldar-se na forma que preferir.¹²

Embora haja controvérsias sobre o primeiro uso conhecido do termo¹³, o significado de transumano no mundo contemporâneo associa-se desde a próteses, cirurgia plástica, uso intensivo de telecomunicações, androginia, reprodução mediada (como a fertilização *in vitro*) até a extensão da vida, criogenia, colonização do espaço, ficção científica e futurismo¹⁴.

Na literatura, uma série de interpretações que envolvem o transumano por vezes o associa ao conceito de pós-humanismo – tratando-os como sinônimos –, outras vezes

⁹ Fonte: <http://www.lucifer.com/~sasha/articles/Cyborgs.html>.

¹⁰ Bostrom (2005).

¹¹ Bostrom (2005, p.1).

¹² Pico della Mirandola (1956) apud Bostrom (2005).

¹³ Vide artigo de Peter Harrison e Joseph Wolyniak disponível em <https://academic.oup.com/nq/article/62/3/465/1141551>.

¹⁴ Bostrom (2005, p. 14).

como vertentes distintas de um mesmo fenômeno que tem na tecnologia uma ênfase comum¹⁵. Originalmente o termo pós-humanismo foi proposto por Ihab Hassan em um ensaio intitulado “*Prometeus as Performer: Toward a Posthumanist Culture*”, publicado em 1977 na *Georgia Review*¹⁶, mas ainda hoje possui visões controversas, com abordagens que apresentam perspectivas tanto positivas quanto negativas e que ultrapassam a ideia simplista de melhoria da condição humana. Como destacou Andy Miah:

Uma discussão significativa sobre a história do pós-humanismo requer primeiramente distinguir o conceito de uma série de conceitos relacionados com os quais sua história está entrelaçada. Assim, é preciso primeiro reconhecer que uma análise histórica do pós-humanismo não é sinônimo da história de melhorias médicas. De fato, as discussões sobre o pós-humanismo não são necessariamente sobre aprimoramentos e, mesmo quando são, nem sempre envolvem a defesa de liberdades de valorização. Nesta medida, não há uma única forma de pós-humanismo que possamos identificar que retrate uma história unificada do termo. Além disso, as teorias do pós-humanismo não revelam totalmente a importância moral das ambições de aprimoramento. Ademais, a história do pós-humanismo não é sinônimo da história da tecnologia e nem as contribuições teóricas para essa literatura são encontradas exclusivamente dentro de investigações filosóficas sobre tecnologia. Certamente, a mudança tecnológica tornou-se central para as articulações contemporâneas da pós-humanidade. De fato, o termo implica um salto emergente de algum status atual de ser humano, para uma caracterização futura como depois da humanidade.¹⁷

No meio das várias possibilidades conceituais, como demonstrado por Miah, adotamos como princípio norteador a ideia de que o pós-humanismo reconsidera o que é “ser ‘humano’” a partir de uma visão que mina o tradicional limite entre o humano, o animal e o tecnológico, enquanto o transumanismo parte do conceito de aprimoramento humano sem perder a noção de indivíduo.

Essa discussão conceitual se estende a muitas dimensões de análise: biológica, tecnológica, filosófica, ética... Mas aqui buscamos destacar uma questão que implica refletir sobre o relacionamento entre a ciência e a ética na perspectiva do aprimoramento humano sob uma vertente informacional. Inspirados em Harari (2018), questionamos: “como achar um terreno ético firme num mundo que se estende muito além de nossos horizontes e que gira completamente fora do controle humano?”

¹⁵ Ver Fukuyama (2002), Stock (2002), Bostrom (2005) e Pepperell (2003).

¹⁶ Santos (2002).

¹⁷ Fonte: https://www.researchgate.net/publication/226430836_A_Critical_History_of_Posthumanism.

Da Ética antropocêntrica à Ética da Informação

Iniciamos a reflexão sobre a questão acima por meio da análise dos conceitos de Ética e Moral. A palavra Ética, originada do grego *ethos*, tem seu significado ligado a modo de ser, caráter; já o termo Moral é derivado do termo latino *mos* ou *mores* (plural), significando costume. Ética e Moral, apesar de se confundirem em nível semântico, possuem várias distinções possíveis e aqui trazemos uma que considera que a Moral é normativa, enquanto a Ética é teórica. Nessa perspectiva, a Ética busca definir o que é bom para o indivíduo e para a sociedade considerando a natureza dos deveres na interação pessoa-sociedade, enquanto a Moral, conjunto de normas, princípios, preceitos, costumes e valores, guia a conduta do indivíduo dentro do seu grupo social¹⁸.

Quando buscamos pelo verbete Ética no volume 37 – Conceito Filosofia/Filosofias – da incontornável *Enciclopédia Einaudi*, logo no primeiro parágrafo se lê que “Na filosofia anglo-saxônica, a ética é habitualmente concebida como análise racional dos conceitos e juízos de valor, incluindo o modo como se pode determinar a validade dessas asserções”¹⁹. Na síntese final desse enunciado é claramente afirmado que a Ética,

¹⁸ Silva (2010). assim como a Lógica e a Metafísica, é um ramo da Filosofia “intimamente ligad[o] à religião e ao direito. Ela ocupa-se das normas que regem ou devem reger as relações

¹⁹ Kolakowski (1997, p. 339).

²⁰ Kolakowski (1997, p. 300).

de cada indivíduo com os outros e dos valores que cada indivíduo deve realizar no seu comportamento”²⁰.

²¹ Cortina (2009). Para Adela Cortina, a Ética se assenta sobre dois pilares sem os quais se perde o seu objetivo: “o interesse moral e a fé na missão da Filosofia”²¹. Não anda longe desse

²² Araújo (2010, p. 34).

posicionamento epistemológico Luís de Araújo em sua *Ética*, perspectivando-a “como uma reflexão sobre os valores que, no âmbito da ação real e concreta, suscitam a adesão da vontade humana a fim de proporcionarem livremente o aperfeiçoamento da

²³ Sánchez Vázquez (2002).

existência individual e social, conduzindo assim a um combate permanente em prol da dignidade”²². Postura diferente é a do filósofo espanhol, exilado no México desde 1939 até sua morte em 2011, Adolfo Sánchez Vázquez, que concebeu a Ética como “a teoria ou ciência do comportamento moral dos homens em sociedade. Ou seja, é a ciência de uma forma específica do comportamento humano”²³. Sánchez Vázquez rejeita claramente a concepção que ele apelida de “tradicional” e segundo a qual a Ética é reduzida a um capítulo da Filosofia, em geral, especulativa. Enformado pelo materialismo

histórico-dialético, percebe-se a intenção do filósofo espanhol de associar a Ética a um processo político de intervenção e de transformação positiva da sociedade.

No sentido “daquilo que é bom para o indivíduo e para a sociedade”, as discussões sobre o transumanismo e sobre o pós-humanismo geram grandes debates e têm defensores com opiniões diferentes. Enquanto Francis Fukuyama considera que as pessoas devem observar o aprimoramento humano como uma imoralidade²⁴, Robert Pepperell abraça a visão proposta pelo pós-humanismo, embora rejeite o determinismo tecnológico tradicional²⁵. E, ainda, quando Fukuyama trata esse tema como a ideia mais perigosa do mundo²⁶, Ronald Bailey²⁷ contrapõe afirmando que é o “movimento que sintetiza as aspirações mais ousadas, corajosas, imaginativas e idealistas da humanidade”.

Aproximando-nos de alguns ensaios específicos que nos permitem sair do campo da Ética – numa perspectiva ampla – para uma reflexão acerca da “Ética da Informação”, temos as questões colocadas por Harari (2018) que nos alertam sobre a confluência de duas imensas revoluções que estão em curso:

Por um lado, biólogos estão decifrando os mistérios do corpo humano, particularmente do cérebro e dos sentimentos. Ao mesmo tempo cientistas da computação estão nos dando um poder de processamento de dados sem precedente. Quando a revolução na biotecnologia se fundir com a revolução na tecnologia da informação, ela produzirá algoritmos de Big Data capazes de monitorar e compreender meus sentimentos muito melhor do que eu, e então a autoridade provavelmente passará dos humanos para os computadores. Minha ilusão de livre-arbítrio provavelmente vai se desintegrar à medida que eu me deparar, diariamente, com instituições, corporações e agências do governo que compreendem e manipulam o que era, até então, meu inacessível reino interior²⁸.

Essa realidade, que já está em curso, é exemplificada por Harari utilizando como referência o campo da medicina. Segundo o autor, dentro de poucas décadas, os algoritmos de Big Data, alimentados por um fluxo constante de dados biométricos, poderão monitorar nossa saúde 24 horas por dia e encaminhar recomendações aos nossos smartphones seguindo um determinado algoritmo. Os impactos desse monitoramento e das suas ações podem culminar no cancelamento do nosso seguro-saúde, em demissão ou em um conflito familiar no caso de quisermos desafiar o sensor e este re-passar a advertência à nossa companhia de seguros, ao nosso chefe ou a nossos pais...²⁹ O acompanhamento diário de nossa condição de saúde, que antes era feita por nossas

²⁴ Fukuyama (2002).

²⁵ Pepperell (2003).

²⁶ Fukuyama (2004).

²⁷ Editor da revista *Reason* e autor do livro *Liberation Biology: The Scientific And Moral Case For The Biotech Revolution*.

²⁸ Harari (2018, p. 54-55).

²⁹ Harari (2018, p. 55)

próprias observações e idas regulares aos consultórios médicos, será substituído por um instrumento de monitoramento que fará um “juízo mais preciso” acerca das nossas condições físicas.

30 Capurro (2010).

31 Ganascia (2017).

Voltando o olhar para a questão ética, perguntamo-nos qual a capacidade da Ética da Informação discutir esse tópico? Para responder a essa questão, tomamos como referência o cientista e eticista da informação, heideggeriano em termos filosóficos, Rafael Capurro, que tende a colocar a Ética da Informação como uma disciplina que parece ocupar o papel e a missão própria da Ciência da Informação. A sua proposta de Ética intercultural tem o mérito de chamar a atenção para o fato de que a indagação ética não pode ficar alheia às especificidades culturais dos povos e das pessoas³⁰, apresentando-se, assim, com uma dupla faceta: uma teoria descritiva e uma teoria emancipatória. A primeira visa explorar as estruturas de poder que influenciam as atitudes informacionais e as tradições em diferentes culturas e épocas. A segunda desenvolve criticismos das atitudes morais e das tradições no campo informacional em um nível individual e coletivo, incluindo aspectos normativos. Mesmo que não seja admitido explicitamente, a faceta descritiva confere à Ética da Informação um estatuto sociológico e científico que, em nossa opinião, lhe cabe precisamente porque tanto a Sociologia quanto a Ciência da Informação desempenham esse papel e vão mais além do mero registo descritivo, avançando para o plano compreensivo e explicativo.

Defende-se, assim, uma distinção operativa entre Ciência e Ética da Informação, não por conformismo com a “concepção tradicional da Ética”, cunhada por Adolfo Sánchez Vásquez, mas por imperativo de bom senso e racionalidade crítica. E aceita-se, com Capurro, que a Ética da Informação seja uma teoria emancipatória em diálogo com as Ciências Sociais e, dentro destas, com as Ciências da Comunicação e da Informação. Um diálogo indispensável através do qual a Ética pode ajudar o ser humano a refletir sobre si mesmo, sobre a condição humana numa época de riscos vários, nomeadamente a ameaça de uma “singularidade” para além do Fyborg, ou seja, novos “seres inteligentes” criados a partir da inteligência artificial e da robótica³¹ e do desenvolvimento das tecnologias de comunicação e informação.

Concluindo ou desconstruindo

Como podem a Ciência e a Ética da Informação abordarem a proposta transumanista do Fyborg? A teoria descritiva e explicativa que Rafael Capurro atribui à Ética da Informação cabe, em primeira linha, à Ciência da Informação, que visa compreender, explicar e desenvolver soluções práticas relacionadas com a produção em contexto, a organização e mediação para o acesso e o comportamento de uso, reprodução e transformação da informação. Com essa orientação epistemológica, a Ciência da Informação tende a desvelar que esse Cyborg funcional, por muita tecnologia que possua agregada ao seu corpo, é sempre e exclusivamente animado pela vontade, que é atributo da consciência humana (embora essa vontade esteja frequentemente sujeita às vagas produzidas pelas marés das emoções e disposições inconscientes). Por outro lado, à Ética da Informação cabe a função emancipatória como Ética radicalmente antropocêntrica que é, ou seja, deriva da Ética sem Deus e está plasmada na Declaração Universal dos Direitos do Homem (1948 e emanação do trilema da Revolução Francesa: Liberdade, Igualdade e Fraternidade).

Passamos a falar sobre a Ética antropocêntrica depois que Nietzsche disse que Deus estava morto³². Mas quando matamos Deus? Quando o expulsamos do fundamento último para a compreensão e a regulação do nosso comportamento humano e nos colocamos em seu lugar. A apologia é que o homem conta consigo próprio e investe-se desse poder divino de cuidar de sua vida, de igualizar-se e de tornar-se fraterno. Uma Ética antropocêntrica debruça-se sobre a condição humana do Fyborg e deste como um humano estendido tecnologicamente que não representa a mutação ou metamorfose da espécie *homo sapiens*.

³² Fala de Friedrich Nietzsche (1844-1900) aparece pela primeira vez em 1887 na publicação *A Gaia Ciência*.

Chislenko acreditava na narrativa transumanista de que nós, humanos, estamos a nos transformar. A figura criada do Fyborg traz à tona a questão do Homem novo, o que nos envereda pelos caminhos do imaginário, do retorno à mitologia. Não o novo homem, mas o homem novo, essa necessidade de nos superar, de irmos criando um homem cada vez mais perfeito.

Na perspectiva da Ciência da Informação, esse humano estendido tecnologicamente não representa a mutação da espécie *homo sapiens*. Estar portando dois celulares, um em cada bolso, ter um relógio que mede pulsações e envia automaticamente

informações sobre o estado de saúde ou ter um controle que nos permite acionar a distância a câmera que monitora nossa casa não nos retira a condição de humanos e nem nos torna seres híbridos. Embora a extensão de nossas capacidades sensoriais, perceptivas, comunicacionais e mnemônicas abra perspectivas extraordinárias a essa experiência humana, ainda permaneceremos humanos. Se mais sábios ou mais limitados, é cedo para afirmar, mas indubitavelmente humanos.

Por trás da máquina há o humano e às vezes nos esquecemos disso. Seja nas questões da ampliação das capacidades, destacadas por Chislenko, seja nas questões do monitoramento relatadas por Harari, o problema talvez não esteja nas extensões tecnológicas, mas sim na relação do indivíduo com a tecnologia, na falta de literacia, de competência informacional para nos relacionar de forma crítica com esse novo cenário. A atitude de ignorarmos, intencionalmente ou não, os anseios e movimentos humanos por trás desses processos de “hibridização” dos indivíduos em detrimento de uma preocupação exagerada com aquilo que está evidente e explicitamente a colar-se ao nosso corpo reproduz, involuntariamente, o dilema de fundo da história do monstro de Frankenstein. O problema não é o monstro em si. O problema é a cultura que o gestou, e cujas expressões e patologias sistematicamente redivivas em vários níveis, se não percebidas, consideradas e controladas, podem trazer consequências danosas às relações que se constituirão entre os indivíduos nos anos vindouros.

O problema é a relação, o que nós sabemos da tecnologia e qual a relação entre a nossa vontade (bem como dos determinantes inconscientes – desejos, fantasias e emoções que influenciam essa vontade) e aquilo que nós estamos a criar, porque a tecnologia é criada por nós e está a nosso serviço quer tenhamos consciência disso ou não. Mas essa relação está permeada muitas vezes pela falta de conhecimento, por ignorância, por fetiche, por questões que o imaginário ajuda a explicar – já que aqui estão a aparecer mitos ancestrais que se relacionam com o imaginário das novas tecnologias. Aqui, de fato, há o problema do reaparecimento de mitos que no fundo descrevem problemas que são fruto da relação do humano com o que não é humano e há aqui algo de complexo, como a presença dos nossos medos, dos nossos desejos e da nossa vaidade.

Sobre a Ética da Informação e a Ética em geral, é preciso recordar que a Ética tem uma relação antropocêntrica com o pensar a vida e o humano, foi criada para o homem interrogar-se sobre si mesmo e seu papel no mundo. A função da Ética não é dar uma resposta descritiva, compreensiva, explicativa para essas questões fundas ao sentido último da vida e da condição humana, mas é constituir-se, eternamente, em ser uma questão que se põe sobre o humano pelo próprio humano – porque a Ética foi concebida para nos colocar limites, para tornar nossa vida social comportável e suportável. É uma atividade racional dos conceitos, de juízo de valor. Embora a tradição anglo-saxônica a racionalize, a puxe um pouco mais para o campo científico da explicação ou da avaliação científica, ela se funda no conjunto de princípios que são basilares.

A Ética precisa, portanto, de uma ancora inicial: o fundamento. O seu fundamento, ou o seu princípio, é a defesa do humano. Assim essa Ética não serve para analisar o pós-humano, pois ela em sua essência vai contra isso. Acreditamos que, devido à sua função de vigilância crítica, não contempla aquilo que busca negar o próprio homem.

Referências

- ARAÚJO, A. F.; FREITAS, M.J. Um estudo Mitanalítico do (Des)envolvimento. Implicações Educacionais. *II Colóquio Internacional Antropologia do Imaginário e Educação do Envolvimento/Desenvolvimento*. 2008. Disponível em https://repositorium.sdum.uminho.pt/bitstream/1822/13247/1/04conf3_AFilipeAraujo.pdf. Acesso em 12/10/2018
- ARAÚJO, E. P. O. *Comportamento informacional em processos decisórios estratégicos: dimensão simbólica do uso da informação por gestores*. Tese (Doutorado). Escola de Ciência da Informação. Universidade Federal de Minas Gerais. 2017
- ARAÚJO, L. *Ética*. Lisboa, INCM, 2010
- BOSTROM, N. *A history of transhumanist thought*, 2005. Disponível em <https://nickbostrom.com/papers/history.pdf>. Acesso em 20/11/2018.
- CAIDIN, Martin. *Cyborg: the novel that inspired The Six-million-dollar Man*. Del Rey. 1984.
- CAPURRO F. Ética Intercultural de la Información. *Perspectiva em Ciência da Informação*, v. 15, n.1, 2010. Disponível em <http://portaldeperiodicos.eci.ufmg.br/index.php/pci/article/view/1073>. Acesso em 20/11/2018
- CLYNES, M.; KLINE, N. *Cyborgs and space*. *Astronautics*. 1960
- CORTINA, A. *Ética Mínima*, 1ª ed., Editora Martins Fontes, 2009.
- DOUGHERTY, C. *Prometheus*. *Routledge*. Taylor and Francis Group. New York, 2006
- DURAND, G. Perenidade, Derivações e Desgaste do Mito. In: CHAUVIN, Danièle (Textos reunidos por). *Campos do Imaginário*. Trad. de Maria João Batalha Reis. Lisboa: Instituto Piaget, 1998.
- FUKUYAMA, F. *Our Posthuman Future: Consequences of the Biotechnology Revolution*. London: Profile Books, 2002.
- FUKUYAMA, F. *Transhumanism: The World's Most Dangerous Ideas*. *Foreign Policy*, no. Set/Out, 2004
- GANASCIA, J. G. *Le Mythe de la Singularité. Faut-il craindre l'intelligence artificielle?* *Science ouverte – Seuil*, 2017
- HARARI, Y. N. *21 lições para o século 21*. Companhia das Letras, 2018
- KOLAKOWSKI, L. Ética: conceito, filosofia/filosofias. In: *Enciclopédia Einaudi*. v. 37. 1997
- MIAH, A. *Posthumanism: A Critical History*. New York: Routledge. 2007. Disponível em https://www.researchgate.net/publication/226430836_A_Critical_History_of_Posthumanism. Acesso em 10/11/2018.
- NOGUEIRA, L. *Mulemba*. Rio de Janeiro: UFRJ, v.9, n.16. p. 54-65, jan/jul 2017. ISSN: 2176-381X. Disponível em <https://revistas.ufrj.br/index.php/mulemba/article/download/5502/8452>. Acesso em 10/11/2018

PEPPERELL, R. *The Posthuman Condition: Consciousness Beyond the Brain*. Bristol: Intellect Books, 2003. Disponível em <https://pdfs.semanticscholar.org/ddaf/6d13dbe5ffae5b2ffdo8obe4e85be2038395.pdf>. Acesso em 15/11/2018

RIKER, J. H. *Human Excellence and an Ecological Conception of the psyche*. Albany, N.Y.: State University of New York Press, 1991

SÁNCHEZ VÁZQUEZ, A. *Ética*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2002

SANTOS, J. F. *Breve o Pós-Humano: Ensaio Contemporâneo*, Curitiba: Francisco Alves & Imprensa Oficial do Paraná, 2002

SCHULTZ, D. P.; SCHULTZ, S. E. *História da psicologia moderna*. São Paulo: Cultrix, 2002

SILVA, A. M. A pesquisa e suas aplicações em Ciência da Informação: Implicações éticas In *Ética da Informação: conceitos, aboragens, aplicações*. Gustavo Henrique de Araujo Freire (ORG.), João Pessoa: Ideia, 2010. Disponível em <https://repositorio-aberto.up.pt/bitstream/10216/26301/2/mandomalheiropesquisa000107223.pdf>. Acesso em 15/11/2018

STOCK, G. *Redesigning humans: choosing our genes, changing our future*. Mariner Books, 2002